

O petróleo da Venezuela, a mudança de regime liderada pelos EUA e a política mafiosa americana⁵

Jeffrey D. Sachs & Sybil Fares

O frágil pretexto moral de hoje é o combate ao narcotráfico, mas o verdadeiro objetivo é derrubar um governo soberano — e o dano colateral é o sofrimento do povo venezuelano. Se isso soa familiar, é porque é mesmo.

Os [Estados Unidos](#) estão tirando do armário seu velho manual de mudança de regime no caso da [Venezuela](#). Embora o slogan tenha mudado de “restaurar a democracia” para “combater os narcoterroristas”, o objetivo continua o mesmo: controlar o [petróleo](#) venezuelano. Os métodos são conhecidos: [sanções](#) que estrangulam a economia, ameaças de uso da força e uma recompensa de 50 milhões de dólares pela captura do presidente Nicolás Maduro — como se estivéssemos no Velho Oeste.

Os EUA são viciados em guerra. Com o Departamento de Guerra renomeado, uma proposta de [orçamento](#) para o [Pentágono](#) de 1,01 trilhão de dólares e mais de 750 bases militares em cerca de 80 países, não se trata de uma nação em busca da paz. Nas últimas duas décadas, a Venezuela tem sido um alvo persistente das tentativas de mudança de regime perpetradas por Washington. O motivo, explicitado pelo próprio [Donald Trump](#), são as cerca de 300 bilhões de barris de petróleo sob a Faixa do Orinoco — as maiores reservas de petróleo do planeta.



Em 2023, Trump [declarou abertamente](#): “Quando deixei o governo, a Venezuela estava prestes a desmoronar. Nós teríamos tomado o país, teríamos ficado com todo aquele petróleo...

⁵ Publicado originalmente em *Common Dreams*, em 4/11/2025. Acesso: <https://www.commondreams.org/opinion/us-regime-change-venezuela>

mas agora estamos comprando petróleo da Venezuela, então estamos tornando um ditador muito rico.” Suas palavras revelam a lógica subjacente da política externa dos EUA: total desprezo pela soberania e a preferência por se apropriar dos recursos de outros países.

O que está em curso hoje é uma típica operação de mudança de governo conduzida pelos EUA, disfarçada sob a retórica do combate às drogas. Os Estados Unidos concentraram [milhares de soldados](#), navios de guerra e aeronaves no Mar do Caribe e no Oceano Pacífico. O presidente [autorizou abertamente a CIA](#) a realizar operações secretas dentro da Venezuela.

Em 26 de outubro de 2025, o [senador Lindsey Graham](#) (republicano da Carolina do Sul) foi à televisão nacional defender os recentes ataques [militares dos EUA](#) a embarcações venezuelanas e afirmar que ataques por terra na Venezuela e na [Colômbia](#) são uma “possibilidade real”. O [senador da Flórida Rick Scott](#), na mesma ocasião, comentou que, se fosse Nicolás Maduro, “correria para a [Rússia](#) ou a [China](#) agora mesmo”. Esses senadores procuram normalizar a ideia de que cabe aos EUA decidir quem governa a Venezuela e o que acontece com seu petróleo. Vale lembrar que Graham defende igualmente que os EUA lutem contra a Rússia na [Ucrânia](#) para garantir os 10 trilhões de dólares em riquezas minerais que ele, de forma absurda, afirma estarem disponíveis para os americanos tomarem.

As investidas de Trump contra a Venezuela tampouco são novidade. Há mais de 20 anos, sucessivos governos norte-americanos tentam submeter a política interna venezuelana à vontade de Washington. Em abril de 2002, um breve golpe militar chegou a derrubar o então presidente Hugo Chávez. A [CIA](#) soube os detalhes do golpe com antecedência, e os EUA reconheceram imediatamente o novo governo. No fim, Chávez retomou o poder — mas os Estados Unidos não encerraram seu apoio à mudança de regime.

Em março de 2015, [Barack Obama](#) institucionalizou uma ficção jurídica notável. Ao assinar a [Ordem Executiva 13692](#), declarou que a situação política interna da Venezuela representava uma “ameaça incomum e extraordinária” à segurança nacional dos EUA, abrindo caminho para a imposição de sanções econômicas. Essa medida preparou o terreno para uma escalada de coerção por parte de Washington. Desde então, a [Casa Branca](#) mantém a alegação de “emergência nacional” relacionada à Venezuela. Trump acrescentou sanções econômicas cada vez mais draconianas durante seu primeiro mandato. Em janeiro de 2019, em um gesto estorpecido, Trump declarou Juan Guaidó — então um líder da oposição — como “presidente interino” da Venezuela, como se pudesse simplesmente nomear um novo chefe de Estado venezuelano. Essa tragicomédia norte-americana acabou ruindo em 2023, quando os EUA abandonaram essa aposta fracassada e absurda.

Agora, os Estados Unidos iniciam um novo capítulo de pilhagem de recursos. Trump há muito expressa sua obsessão em “ficar com o petróleo”. Em 2019, ao [falar sobre a Síria](#), declarou: “Estamos ficando com o petróleo, temos o petróleo, o petróleo está seguro, deixamos tropas lá apenas por causa do petróleo.” Para quem duvida, as tropas americanas ainda hoje continuam no nordeste da [Síria](#), ocupando os campos petrolíferos. Em 2016, falando sobre o [petróleo do Iraque](#), Trump disse: “Eu dizia isso constantemente, para quem quisesse ouvir: fiquem com o petróleo, fiquem com o petróleo, fiquem com o petróleo, não deixem que outro fique com ele.”

Agora, com novos ataques militares a embarcações venezuelanas e declarações abertas falando em ataques por terra, o governo invoca o narcotráfico para justificar a mudança de regime. No entanto, o [Artigo 2\(4\) da Carta das Nações Unidas](#) proíbe expressamente “a ameaça ou o uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer

Estado”. Nenhuma teoria norte-americana sobre “guerras contra cartéis” justifica, nem remotamente, uma intervenção coercitiva para troca de governo.

Mesmo antes dos ataques militares, as sanções coercitivas dos EUA já funcionavam como uma máquina de cerco. Obama criou a estrutura das sanções em 2015, e Trump as transformou em arma política para derrubar Maduro. A justificativa era que a “pressão máxima” daria poder aos venezuelanos. Na prática, as sanções causaram sofrimento generalizado. Como demonstrou o economista e especialista em sanções [Francisco Rodríguez](#), em seu estudo “*Human Consequences of Economic Sanctions*”, o resultado das medidas coercitivas dos EUA foi uma queda catastrófica nos padrões de vida na Venezuela, agravando de forma drástica a saúde, a nutrição e a situação das populações mais vulneráveis.

O frágil pretexto moral de hoje é o combate ao narcotráfico, mas o verdadeiro objetivo é derrubar um governo soberano — e o dano colateral é o sofrimento do povo venezuelano. Se isso soa familiar, é porque é mesmo. Os Estados Unidos promoveram reiteradamente operações de mudança de regime em busca de petróleo, urânio, plantações de banana, rotas de gasoduto e outros recursos: [Irã](#) (1953), [Guatemala](#) (1954), Congo (1960), [Chile](#) (1973), [Iraque](#) (2003), [Haiti](#) (2004), Síria (2011), [Líbia](#) (2011) e Ucrânia (2014), apenas para citar alguns exemplos. Agora é a Venezuela que está na mira.

Em seu excelente livro [Covert Regime Change](#) (2017), a professora Lindsay O’Rourke detalha as maquinações, os reveses e os desastres de nada menos que 64 operações secretas de mudança de regime conduzidas pelos EUA entre 1947 e 1989. Ela se concentrou nesse período porque muitos documentos-chave da época já se tornaram públicos. Tragicamente, o padrão de uma política externa norte-americana baseada em operações encobertas (e nem tão encobertas assim) de mudança de regime continua até hoje.

Os apelos do governo dos EUA por uma escalada refletem um desprezo temerário pela soberania da Venezuela, pelo direito internacional e pela vida humana. Uma guerra contra a Venezuela seria uma guerra que os próprios americanos não desejam, contra um país que não ameaçou nem atacou os Estados Unidos, e com uma justificativa jurídica que seria reprovada até num curso básico de direito. Bombardear navios, portos, refinarias ou soldados não é demonstração de força. É o ápice do gangsterismo.